



MEMÓRIAS, CONFLITOS E TRAUMAS

José Carlos Sebe Bom Meihy

Texto preparado para leitura no

1º Seminário Internacional IMAGEMNO/UNIGRANRIO

Duque de Caxias, 7 de novembro de 2016.

Logo que fui destacado para falar sobre o conceito deste encontro, pensando na proposta que norteia o *Grupo de Pesquisa IMAGEMNO/UNIGRANRIO*, frente ao tema *Memória, conflito e trauma*, me veio à cabeça uma pergunta atroz: o mundo melhorou? Avançamos? Legaremos para o futuro uma sociedade mais constituída? Afinal, o que dizer frente à coleção de desafios que inscrevem nosso lugar no mundo e a atuação acadêmica em uma sociedade que preza o conhecimento e a crítica? E para responder a esta demanda primeiro me apoiei no filósofo australiano Peter Singer, que aponta cinco fatores que nos diminuem: problemas ambientais, económicos, sociais, geopolíticos e tecnológicos. Estas dificuldades são de natureza global e possuem um forte potencial, capaz de promover impactos negativos em todo o mundo. Desdobrando tais indicações, distribuindo hierarquicamente em 10 fatores, Singer listou o que chama de “10 pecados sociais da contemporaneidade”:

- 1- A Pobreza, a Fome e a Falta de Água Potável;
- 2- O Crescimento Populacional;
- 3- O Desemprego;
- 4- A Distribuição Desigual dos Recursos Financeiros;
- 5- A Guerra e o Terrorismo;
- 6- A Mudança Climática;
- 7- A Propagação de Doenças Infeciosas;
- 8- A Instabilidade Política e Social;
- 9- O Problema dos Refugiados;



10- Abuso de Drogas.

Frente a esse diagnóstico apocalíptico, algo estarecido requalifiquei a pergunta humanística encerrada no título do encontro: melhoramos? Progredimos? Emoldurava a questão quando me vi desafiado a substituir o vazio de esperanças. Pensando na *metade cheia do copo*, troquei a ênfase da *metade vazia* por um convite mais alvissareiro, algo capaz de debelar o caos contagioso, foi quando, num relance brilhou em mim o poema de Drummond:

Não serei o poeta de um mundo caduco.

Também não cantarei o mundo futuro.

Estou preso à vida e olho meus companheiros.

Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.

Entre eles, considero a enorme realidade.

O presente é tão grande, não nos afastemos.

Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

VI

Então, precisei requalificar o tema e colocar a *memória*, os *conflitos e traumas sociais* em perspectiva reversa e visitar, num voo de pássaro ligeiro, a trajetória humana. E me alegrei ao perceber que temos avanços expressos em agendas que, por mais que sejam mitigadas, não mais tem como retroceder: hoje as conquistas frente aos direitos humanos colocam nas agendas públicas temas como: o papel da mulher, das crianças, das minorias em geral, de atingidos por catástrofes, em patamares reivindicatórios. Os movimentos em favor dos negros e dos índios estão bradando e por mais agredidos que sejam estão contagiando; a democracia mesmo enviesada em alguns contextos nacionais, se impõe como processo em construção, e, mesmo abalada, há de ressurgir sempre.

A par de tudo, os meios de comunicação atestam o encurtamento das distâncias físicas e as notícias são praticamente instantâneas. É verdade que nos horrorizamos com as tragédias e dói saber que até o final de julho passado, 4.027 migrantes e refugiados haviam morrido durante viagens por diferentes partes do mundo nesse ano. O número representa um aumento de 26% na comparação com os sete primeiros meses de 2015,



quando 2.991 deslocados morreram. Mas tais sacrifícios estão gritando por socorro, mesmo tendo as editorias comprometidas com interesses centrais e muitas vezes desumanos. E assim ficamos a par de bombardeios que matam civis, de estupros coletivos, de segmentos que morrem de doenças facilmente erradicáveis, e de tráfego de pessoas. É verdade que o excesso de dramas nos anestesia, mas os fatos estão aí. É fácil abatermo-nos, indignar é preciso, hoje mais do que nunca, mas não podemos perder a noção das conquistas. O que de bom foi feito tem que nos servir de farol iluminando o futuro.

Sim, o mundo já foi bem pior, creiam. E cruel. E ainda mais: inconsequente... Olhemos para traz e recordemos que, mesmo reconhecendo que ainda há milhares de pessoas que morrem de fome no mundo de hoje, no passado remoto e mesmo recentemente foi muito pior. Nos conta Jaime Pinsky que no início da década de 1980, portanto recentemente, 44% da população mundial vivia na extrema pobreza, e, hoje, 10% vive na miséria. Claro que um em cada 10 habitantes desse planeta passar fome constante não é exatamente motivo de orgulho para os outros 9, porém, em comparação com o que acontecia algumas décadas atrás - para não falar da Antiguidade, ou da Idade Média - vemos que estamos avançando.

Mas não é só: ao longo de toda a História a esmagadora maioria dos habitantes era analfabeta, não tinha possibilidade de acessar sequer o patrimônio cultural produzido pela humanidade. Hoje, o número de alfabetizados adultos chega a 85%. Pode-se alegar, uma vez mais, que 15% de analfabetos no mundo ainda é um número muito alto. Concorde-se: temos muito trabalho à frente. Mas que é um avanço, não há dúvida. Há ainda um terceiro dado interessante. Embora em alguns países tenha havido concentração de renda, a tendência global é de mais aproximação frente o usufruto dos bens e serviços produzidos pela sociedade.

Olhando para além das últimas décadas fica ainda mais fácil constatar uma evolução significativa em várias áreas, como a da saúde. A mortalidade infantil, que ainda há pouco exigia que os casais tentassem muitos filhos, já que poucos “vingavam”, caiu dramaticamente, este fator contribuiu para que a média de filhos por casal tenha diminuído não só nos países mais industrializados, mas também em sociedades como a indiana ou a indonésia, a mexicana e a brasileira. Vacinas eficazes, medidas higiênicas,



gravidez monitorada provocaram um milagre em algumas décadas. Isto não é um mundo melhor?

Graças a avanços nas áreas da saúde hoje a expectativa de vida ampliou muito.

Os dados divulgados pelo IBGE sobre 2014 revelam que a mortalidade infantil foi de 14,4 óbitos por mil nascidos vivos e esse número representa uma queda de 90,2% frente a taxa registrada em 1940, de 146,6 por mil. Naquele ano, a expectativa de vida média era de 45,5 anos e hoje chegamos a 75,2%. Temos mais recursos hoje para tratar da cegueira, que hoje já não existe na mesma proporção de antigamente, por conta da vitamina A, dos antibióticos que combatem o tracoma e da cirurgia de catarata que provoca milagres e tem um custo baixíssimo.

O mundo está melhorando. Mas, atenção: ele não melhora por geração espontânea. Não existe processo histórico sem seres humanos organizados em sociedades. São eles e elas, ou seja, nós, que decidimos fazer com que haja um avanço, ou um retorno à barbárie. Falemos, pois de memória, conflito e traumas, mas não para deprimir nossos conhecimentos e sim para promover a condição humana. E retomo o verso drummondiano: e vamos de mãos dadas.